

Desempenho do enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos

Nurse's performance in the process of organ and tissue donation and transplantation

Actuación del enfermero en el proceso de donación y trasplante de órganos y tejidos

Martha Rafaella da Silva Pimentel^{1*}, Giovanna Felipe Cavalcante¹, Rafael Rodrigo da Silva Pimentel².

RESUMO

Objetivo: Investigar as produções científicas sobre as funções desempenhadas pelo enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa resultante da análise de 11 artigos selecionados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO®), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS®) e Google Acadêmico, utilizando os descritores: papel do profissional de enfermagem, obtenção de tecidos e órgãos e transplante. **Resultados:** A maioria dos artigos encontrados foram publicados no ano de 2018 (81%) e são de caráter qualitativo (90%). O papel do enfermeiro dentro do processo de doação e transplante, consiste no gerenciamento do programa de doação e transplante, identificação do possível doador, manutenção do potencial doador, entrevista familiar, entrega do corpo para a família, nos casos de doadores falecidos e no transplante atua nos períodos peri, trans e pós-operatório. **Considerações finais:** Com a revisão, foi possível conhecer a atuação do enfermeiro dentro do processo de doação e transplante de órgãos e tecidos. Ele possui participação em todas as etapas e é o profissional que mais se envolve no processo, sendo importante para que ocorra a doação e a concretização do transplante.

Palavras-chave: Papel do profissional de enfermagem, Obtenção de tecidos e órgãos, Transplante.

ABSTRACT

Objective: To investigate scientific productions about the functions performed by nurses in the process of organ and tissue donation and transplantation. **Methods:** It is an integrative review resulting from the analysis of 11 articles selected from the Scientific Electronic Library Online (SciELO®), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS®) and Google Scholar databases, using the descriptors: role of the nursing professional, obtaining tissues and organs and transplantation. **Results:** Most of the articles found were published in 2018 (81%) and are of a qualitative nature (90%). The nurse's role within the donation and transplantation process consists of managing the donation and transplantation program, identification of the possible donor, maintenance of the potential donor, family interview, delivery of the body to the family, in cases of deceased donors and in the transplant. operates in peri, trans and postoperative periods. **Final considerations:** With the review, it was possible to know the role of nurses within the process of organ and tissue donation and transplantation. He has participation in all stages and is the professional who is most involved in the process, being important for the donation and the completion of the transplant to occur.

Keywords: Role of the nursing professional, Obtaining tissues and organs, Transplantation.

RESUMEN

Objetivo: Investigar producciones científicas sobre las funciones que desempeñan las enfermeras en el proceso de donación y trasplante de órganos y tejidos. **Métodos:** Se trata de una revisión integradora resultante del análisis de 11 artículos seleccionados de las bases de datos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO®), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS®) y Google Scholar, utilizando los descriptores: papel del profesional de enfermería, obtención de tejidos y órganos y trasplante. **Resultados:** La mayoría de los artículos encontrados fueron publicados en 2018 (81%) y son de carácter cualitativo (90%). El rol de la enfermera dentro del proceso de donación y trasplante consiste en gestionar el programa de donación y trasplante, identificación del posible donante, mantenimiento del potencial donante, entrevista familiar, entrega del cuerpo a la familia, en casos de donantes fallecidos y en el trasplante. opera en periodos peri, trans y postoperatorio. **Consideraciones finales:** Con la revisión se pudo conocer el papel del enfermero en el proceso de donación y trasplante de órganos y tejidos. Tiene participación en todas las etapas y es el profesional que más se involucra en el proceso, siendo importante para que se produzca la donación y la finalización del trasplante.

Palabras clave: Papel del profesional de enfermería, Obtención de tejidos y órganos, Trasplante.

¹ Faculdade de Palmas (FAPAL), Palmas - TO. *E-mail: martha.pimen@aluno.fapal.edu.br

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo - SP.

INTRODUÇÃO

O transplante é um procedimento cirúrgico constituído pela retirada de órgãos e tecidos saudáveis e viáveis de um corpo humano, provenientes de um doador em morte encefálica ou doador vivo, que irão substituir os órgãos e tecidos de um receptor. Ele é visto como uma terapêutica que visa melhorar a vida de pessoas portadoras de doenças crônicas de caráter irreversível, assim aumentando a sua expectativa de vida (TELES SF e NOGUEIRA MA, 2015).

Existem muitos relatos, histórias e mitos sobre os primeiros transplantes realizados. A Bíblia Sagrada e outros textos cristãos contam a história sobre dois irmãos gêmeos São Cosme e São Damião, que transplantaram a perna de um rapaz falecido em outro rapaz, que tinha a perna necrosada. Esse acontecimento ficou conhecido como o milagre de São Cosme e São Damião e por isso os dois são conhecidos como os padroeiros dos transplantes. O dia 27 de setembro é considerado o dia de São Cosme e Damião que mais tarde foi considerado pela Associação Brasileira de Transplante como o dia nacional do doador (GARCIA CD, et al., 2015).

Em 1897, iniciou a fase experimental de três tipos de transplantes, sendo os autotransplantes, alotransplantes e xenotransplantes, por inúmeros investigadores em países diferentes, porém mais tarde só o autotransplante teve sucesso e os demais foram abandonados. Nos anos de 1930 a 1940 foram desenvolvidos estudos sobre transplante de pele para queimados, que teve como base a retomada dos estudos para transplantes de órgãos (MOURA LC e SILVA VS, 2014).

No Brasil, os transplantes de órgãos e tecidos iniciaram em 1964 na cidade do Rio de Janeiro (PÊGO-FERNANDES PM e GARCIA VD, 2010). Entretanto, só em 1997 com a Lei n.º 9.434/1997 e o Decreto n.º 2.268/1997, a doação e o transplante foram regulamentados no país, dando origem ao Sistema Nacional de Transplantes (SNT), que é responsável por coordenar e representar as Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO's), que são responsáveis pela coordenação logística e distribuição de órgãos e tecidos e estão situadas em cada estado Brasileiro (MOURA LC e SILVA VS, 2014; SANTOS LA, 2017; TELES SF e NOGUEIRA MA, 2015). Essa distribuição é realizada em âmbito nacional pela Central Nacional de Transplantes (CNT) e em âmbito estadual pelos Sistemas Estaduais de Transplante (MOURA LC e SILVA VS, 2014; SANTOS LA, 2017).

A implantação dessa lei alterou a forma de consentimento para a doação no país, na qual todos os cidadãos eram considerados doadores de órgãos e tecidos, exceto aqueles que tivessem declarado em sua cédula de identidade ou carteira de habilitação a pretensão de não doar (SANTOS LA, 2017). Porém, mais tarde a doação se tornou consentida e atualmente é realizada apenas com o consentimento do familiar responsável até segundo grau (MOLINA FC, et al., 2017).

Dessa forma, a estrutura do processo de doação de órgãos e tecidos no Brasil é uma combinação entre os modelos espanhol e o norte-americano, que conta com as comissões intra-hospitalares e as Organizações de Procura de Órgãos (OPO), que são responsáveis pela busca ativa de doadores, remoção de órgãos, educação de profissionais e da população. No modelo Espanhol a comissão de transplante consiste em três níveis, sendo eles: nacional, autônomo e hospitalar. O nível nacional e autônomo é financiado pela administração sanitária e nacional que estabelece uma conexão com níveis administrativos, políticos e nacionais. Já o nível hospitalar diz respeito a comissão intra-hospitalar (MOURA LC e SILVA VS, 2014; GARCIA CD, et al., 2015).

O modelo norte-americano consiste nas OPO, que no Brasil são responsáveis pela busca ativa de doadores, captação de órgãos, educação de profissionais e da população. A OPO no Brasil está ligada aos hospitais-escolas que são mantidos pelo Ministério da Saúde (MOURA LC e SILVA VS, 2014).

O processo de doação e transplante é iniciado com a identificação de um paciente em ME, que deve ser notificado a CNCDOs. Posteriormente, é realizada uma avaliação clínica e laboratorial, e caso não seja identificado nenhuma contraindicação o paciente em ME evolui para potencial doador (PD). Em sequência é comunicado a família sobre a morte do paciente e após é iniciada a entrevista familiar, que é realizada por um profissional habilitado que os informará sobre a oportunidade da doação os órgãos e tecidos. Caso a

família autorize a doação, o paciente torna-se um doador efetivo. Em seguida, a equipe responsável deve entrar em contato com a CNCDO informando sobre os órgãos e tecidos que serão doados, sua condição clínica, laboratorial, e o horário para o procedimento. A CNCDO fica responsável pela identificação das equipes que fará a remoção (MOURA LC e SILVA VS, 2014; GARCIA CD, et al., 2015).

Atualmente, as taxas de doadores de órgãos vêm crescendo significativamente no país, pois no início do século XXI o número de doadores não ultrapassava 700 e em 2017 ocorreu um aumento de 487%. No entanto, apesar do número de doadores terem aumentado, a lista de espera em 2017 superava 24 mil pessoas, o que evidencia que ainda existe uma ampla desproporção entre a oferta e a demanda (BERTASI RAO, et al., 2019).

Essa desproporção ocorre pela dificuldade em transformar PD em doadores efetivos, e nas barreiras encontradas em todo o processo, como por exemplo, a falta de notificação de morte encefálica, a alta taxa de recusa familiar e as falhas na manutenção dos órgãos do doador (MOLINA FC, et al., 2017; PIMENTEL RRS, et al., 2019). Um PD é capaz de doar diversos órgãos e tecidos, o que pode beneficiar mais de 10 receptores (TELES SF e NOGUEIRA MA, 2015).

Neste contexto, o enfermeiro é o profissional que desempenha funções na prestação de cuidados e a sua proximidade com o paciente e os familiares ocupa uma posição privilegiada na efetivação de doadores (MOLINA FC, et al., 2017). Esse profissional também participa de forma ativa no contato direto com o receptor e providencia todos os exames e a documentação para a efetivação do transplante (LIMA SRM, 2015).

Estudos de Araújo C, et al. (2017) e Doria DL, et al. (2015) destacam que os enfermeiros responsáveis pelo serviço de doação e transplante, devem possuir conhecimentos sobre todas as etapas envolvidas na doação e no transplante de órgãos e tecidos (SANTOS LA, 2017; GOIS RSS, et al., 2017). Esse profissional pode ser classificado dentro do processo em assistencial/clínico ou coordenador do transplante, sendo que o assistencial promove cuidados de enfermagem aos receptores, doadores de órgãos vivo ou falecidos e aos familiares e o coordenador tem a função de gerenciar todo o programa de transplante, coordenando assim, as etapas dos períodos peri operatório, fazendo a integração entre toda a equipe com o foco de assegurar a qualidade do cuidado (LIMA SRM, 2015).

O enfermeiro coordenador da Comissão Intra-hospitalar de Doação de órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT) tem a atuação na área regulamentada pela Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) nº 292/2004. Na resolução é descrito as responsabilidades do enfermeiro de realizar a gestão de todo o processo de doação de órgãos, desde a identificação do potencial doador até a entrega do corpo à família (COFEN, 2004). Estudo de Silva VS, et al. (2015) destaca que dedicar um profissional exclusivo para a CIHDOTT que acompanhe o processo de doação de órgãos e tecidos tem um custo-benefício positivo e o retorno desse investimento é recuperado em curto prazo. Outro ponto desse estudo é que o enfermeiro apresenta resultados eficientes no gerenciamento da CIHDOTT.

Face ao exposto, objetivou-se nesse estudo investigar as produções científicas sobre as funções desempenhadas pelo enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Esse método tem o propósito de reunir múltiplos estudos, e sintetizar os resultados de pesquisas disponíveis sobre uma determinada temática de forma sistemática e ordenada, que contribuem para o conhecimento científico. Ele consiste nas seguintes etapas metodológicas: Definição da pergunta norteadora da pesquisa; busca na literatura; avaliação e categorização dos estudos; análise crítica dos estudos incluídos; interpretação e discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (MENDES KDS, et al., 2008).

Na primeira etapa metodológica, foi elaborada a pergunta norteadora da pesquisa, baseada na estratégia P(população/problema), I(interesse), Co(Contexto), sendo o P: enfermeiros, I: funções desempenhadas, Co: doação e transplante de órgãos e tecidos, originando a questão da revisão: *“Quais as funções desempenhadas pelo enfermeiro na doação e transplante de órgãos e tecidos?”*.

Na sequência, foram realizadas as buscas bibliográficas com os termos cadastrados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCs) devidamente controlados: “Papel do profissional de enfermagem” AND “Obtenção de Tecidos e Órgãos” AND “Transplante”. A busca foi executada nas bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO®), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS®) e Google Acadêmico, operacionalizadas no segundo semestre de 2020.

Os critérios de inclusão foram: artigos disponíveis na íntegra de periódicos e publicados completos em anais de eventos, com idioma em português (idioma nativo dos pesquisadores), publicados nos últimos 5 anos (2015-2020) e que abordassem sobre o enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos. Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados e os que tratassem da atuação de outros profissionais além do enfermeiro.

A terceira etapa constitui-se da definição das informações a serem extraídas dos estudos. Inicialmente foram encontrados 1.082 artigos e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e leitura dos trabalhos (primeiro título e resumo e após os incluídos leitura do texto na íntegra por dois revisores), foram selecionados 9 artigos da base de dados Google Acadêmico, 1 artigo da SciELO e 1 artigo da LILACS.

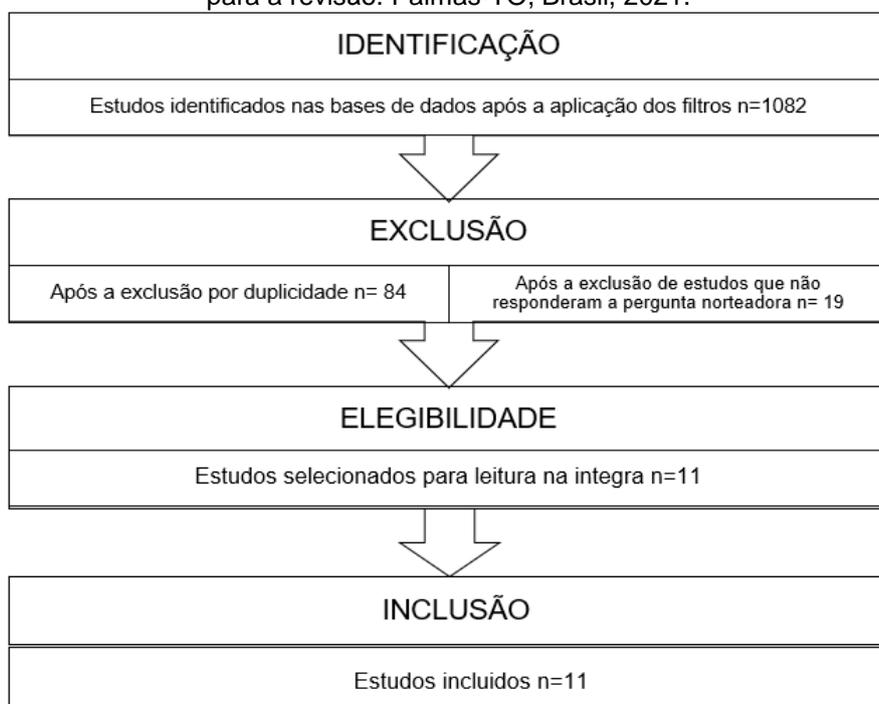
Na quarta etapa, foi realizado a análise crítica detalhadamente das informações extraídas dos estudos incluídos. Os resultados foram agrupados de forma que possibilitou a criação de três categorias temáticas, sendo elas: Atuação do enfermeiro no diagnóstico de morte encefálica; O enfermeiro na doação de órgãos e o enfermeiro no transplante de órgãos e tecidos.

A quinta etapa corresponde a interpretação dados e discussão dos achados da pesquisa. A sexta e última etapa, será apresentada ao longo desse trabalho de revisão.

RESULTADOS

Foram selecionados 11 artigos para desenvolvimento dos resultados e discussão do presente estudo, que possuem relevância para a atuação do enfermeiro no processo de doação e transplante (**Figura 1**).

Figura 1 - Fluxograma da identificação dos estudos nas bases de dados, exclusão, elegibilidade e inclusão para a revisão. Palmas-TO, Brasil, 2021.



Fonte: Pimentel MRS, et al., 2021.

Nos estudos selecionados houve predominância do ano de 2018 e na base de dados do Google acadêmico que representaram 9 estudos. Notou-se maior prevalência da abordagem qualitativa 90% (**Quadro 2**).

Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão. Palmas-TO, Brasil, 2021.

Base de dados	Revista	Título	Autores	Objetivo	Método	Considerações	Ano
Google Acadêmico	Revista SOBECC	Cirurgia de transplante pulmonar intervivos: atuação da enfermagem no período transoperatório	HOWES FM, et al.	Relatar a experiência da atuação da enfermagem no cuidado transoperatório na cirurgia de transplante pulmonar intervivos.	Relato de experiência	O estudo evidenciou que o enfermeiro possui muitas funções dentro do processo transoperatório de transplante, sendo um membro importante para a equipe, pois ele é responsável por toda a logística dessa cirurgia complexa e delicada.	2015
SciELO	Revista Bioética	A enfermagem e o paciente em morte encefálica na UTI	COSTA CR, et al.	Conhecer relevância do profissional enfermeiro no processo de captação e doação de órgãos	Qualitativa	O enfermeiro possui um papel fundamental da equipe, pois tem responsabilidades que visam assegurar os cuidados ao potencial doador, para que ele se torne um doador efetivo.	2016
Google Acadêmico	Revista de enfermagem UFPE online	Transplante hepático em hospital de referência: competências do enfermeiro no serviço ambulatorial	NEGREIROS FDS, et al.	Descrever as competências do enfermeiro no serviço ambulatorial de transplante hepático.	Qualitativa	O enfermeiro é responsável por planejar, organizar, coordenar, executar e avaliar uma série de procedimentos técnicos e científicos de enfermagem no cuidado direto e indireto ao paciente e a família.	2016
Google Acadêmico	Revista de Enfermagem da UFPI	Atuação do enfermeiro no processo de doação e captação de órgãos em doadores elegíveis	CARVALHO NS, et al.	Analisar a atuação do enfermeiro no processo de doação e captação de órgãos	Qualitativa	O enfermeiro é peça chave em todo o processo de remoção, principalmente no que diz respeito a abordagem familiar do doador.	2018
Google Acadêmico	Interdisciplinary Scientific Journal	A responsabilidade do enfermeiro no processo de captação de órgãos	FELIX PML, et al.	Analisar a responsabilidade do enfermeiro na captação de órgãos	Qualitativa	O enfermeiro que atua na central de transplante pode ser enfermeiro clínico que é aquele que presta cuidados ao potencial doador e o enfermeiro coordenador que gerencia a central de transplante.	2018
Google Acadêmico	Atas - Investigação Qualitativa em Saúde	Competências de enfermeiros no pós-operatório imediato de transplante hepático: concepção profissional	NEGREIROS FDS, et al.	Descrever as competências do enfermeiro no pós-operatório de transplante hepático	Qualitativa	O estudo evidenciou que o enfermeiro exerce atividades de gerenciamento, que deve atentar-se ao funcionamento dos equipamentos, admitir o paciente na UTI no pós-operatório imediato do transplante, além de providenciar a organização dos recursos humanos, físicos e materiais.	2018
LILACS	Revista de enfermagem UERJ	A atuação do enfermeiro em comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos	TOLFO FD, et al.	Conhecer o papel do enfermeiro na comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos	Qualitativa	O enfermeiro na CIHDOTT, participa ativamente em todos os processos, desde a identificação, manutenção, doação, remoção, transplante de órgãos e burocracia (documentações).	2018
Google Acadêmico	Revista JRG de Estudos Acadêmicos	Atuação do enfermeiro na doação e transplantes de órgãos e tecidos.	BASÍLIO RJM, et al.	Descrever a atuação do enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos e suas.	Qualitativa	O enfermeiro é responsável pelo planejamento, coordenação, supervisão e avaliação de todos os procedimentos prestados ao potencial doador e as suas famílias.	2019
Google Acadêmico	Revista Científica de Enfermagem	O enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos	Ramos ASMB, et al.	Refletir acerca da importância do enfermeiro na doação e captação de órgãos	Qualitativa	O enfermeiro é responsável por planejar, coordenar a equipe, por prestar assistência e esclarecimentos a família e por prestar cuidados à manutenção do doador, desde a notificação até a entrega do corpo aos familiares (após a remoção).	2019
Google Acadêmico	Revista Enfermagem Atual	Abordagem do enfermeiro à família no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos	SILVA PLN, et al.	Identificar a percepção do enfermeiro na abordagem familiar	Qualitativa	O enfermeiro que aborda a família sobre a doação de órgãos deve ter olhar sensível para os familiares.	2020
Google Acadêmico	Brazilian Journal of health Review	Manutenção do potencial doador de órgãos e tecidos: atuação do profissional enfermeiro.	SILVA NO, et al.	Identificar a atuação do profissional enfermeiro frente a manutenção do potencial doador de órgãos e tecidos	Qualitativa	O enfermeiro possui várias responsabilidades, como o controle da temperatura do potencial doador, dá o suporte cardiovascular e hemodinâmico; suporte ventilatório, realizar a higiene do corpo, administrar a dieta e outros.	2020

Fonte: Pimentel MRS, et al., 2021.

DISCUSSÃO

Após a leitura de todos os trabalhos e interpretação dos dados, emergiram três categorias temáticas.

Atuação do enfermeiro no diagnóstico de morte encefálica

Tolf FD, et al. (2018) em um estudo descritivo qualitativo com 12 enfermeiros atuantes na CIHDOTT, de uma região metropolitana no sul do Brasil, constatou que o enfermeiro que trabalha nessa comissão, participa da identificação, busca ativa de PD, desenvolve atividades burocráticas e a entrevista familiar. Na busca ativa e identificação, eles realizam as buscas em todos os hospitais, olham exames, medicamentos, e acompanham toda a evolução do caso de Morte Encefálica (ME), notificação, abertura do protocolo e entrevista familiar (RAMOS ASMB, et al., 2019).

O enfermeiro que trabalha nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) é responsável por prestar a assistência ao paciente em ME que, visa manter a viabilidade dos órgãos e tecidos para uma possível doação (SILVA NO, et al., 2020). Esse profissional deve possuir conhecimentos sobre toda a fisiologia e fisiopatologia da ME e deve considerar os aspectos fundamentais do cuidado prestado a esse PD, que deverá ser baseada na avaliação clínica e no reconhecimento das alterações hemodinâmicas e fisiológicas da ME (COSTA CR, et al., 2016; RAMOS ASMB, et al., 2019).

Cabe ao enfermeiro intensivista realizar a manutenção, monitorização, higienização e suporte hemodinâmico do paciente, tais como: controle rigoroso de temperatura e do aporte de oxigênio, manutenção da ventilação mecânica e da pressão arterial, controle do equilíbrio eletrolítico, reposição de líquidos e dos valores glicêmicos e monitorização da função renal (COSTA CR, et al., 2016; RAMOS ASMB, et al., 2019; SILVA NO, et al., 2020). O enfermeiro deve também avaliar as prescrições medicamentosas, realizar aspiração de secreções pulmonares, avaliar os acessos e supervisionar a equipe técnica que prestará assistência a esse paciente (COSTA CR, et al., 2016).

O enfermeiro na doação de órgãos

O enfermeiro é o profissional que mais se envolve com as emoções familiares, por prestar a assistência ao paciente continuamente (SILVA PL, et al., 2020). Ele é responsável por repassar informações sobre a ME, falar sobre a possibilidade de doação e sanar todas as dúvidas acerca do assunto de forma ética, legal e moral (BASÍLIO RJM, et al., 2019). Para isso, o enfermeiro deve ter o olhar sensível e respeitoso, entendendo o momento doloroso para a família e deve mostrar que a doação pode ser uma nova oportunidade de vida para aqueles que necessitam (CARVALHO NS, et al., 2018; FELIX PML, et al., 2018).

A entrevista familiar é o momento mais importante do processo de doação. É importante que o enfermeiro acolha a família e os deixem livres para tomar a decisão, pois o seu papel não é de convencê-los (RAMOS ASMB, et al., 2019).

As principais dificuldades encontradas pelo enfermeiro no aceite da doação, envolvem aspectos religiosos, medo de não ser o que o ente em ME gostaria e a falta de informação (SILVA PL, et al., 2020). O pouco conhecimento da família sobre o diagnóstico de ME, a entrevista inadequada é responsável por 40% das recusas da doação (COSTA CR, et al., 2016).

O enfermeiro também é responsável por toda a organização da documentação e logística da doação, pela organização da remoção dos órgãos e a programação cirúrgica (TOLFO FD, et al., 2018).

O enfermeiro no transplante de órgãos e tecidos

O enfermeiro atua no serviço ambulatorial em atividades do período pré-operatório, em que o cliente espera pelo transplante, visto que o ambulatório é a porta de entrada para o paciente que possui essa indicação e o local que é realizado o acompanhamento após a alta hospitalar (NEGREIROS FDS, et al., 2016).

No pré-operatório o paciente é acompanhado pelo médico, avaliado pelo enfermeiro e por toda a equipe multiprofissional. Na consulta, enfermeiro realiza o exame físico do paciente, anamnese, faz orientações sobre o preparo da cirurgia, pós cirurgia e exames (FELIX PML, et al., 2018; NEGREIROS FDS, et al., 2016).

O enfermeiro ambulatorial possui um papel importante na efetivação do transplante, pois uma das suas atribuições é manter contato com os hospitais (FELIX PML, et al., 2018; NEGREIROS FDS, et al., 2016).

Quando se tem a notificação sobre um PD, o enfermeiro é enviado para o hospital que será realizado a remoção. Ele deve verificar toda a documentação do doador, montar a mesa perfusão (*back table*) e realizar o transporte do órgão armazenado adequadamente (NEGREIROS FDS, et al., 2016). Enquanto isso, outro enfermeiro fica responsável por avisar o receptor sobre o possível transplante, pedindo para que ele compareça ao hospital e informa o restante da equipe com o repasse dos dados do receptor (NEGREIROS FDS, et al., 2016, 2018).

O enfermeiro integrado na equipe multidisciplinar de doação e transplante é responsável pelos aspectos éticos e legais do transplante, preparo do centro cirúrgico, assistência no transoperatório e encaminhamento do paciente para a UTI. Ele é o profissional que torna viável o procedimento, pois ele que organiza toda a logística da cirurgia (HOWES FM, et al., 2015).

No dia do transplante o centro cirúrgico é reservado apenas para esse procedimento por ser uma cirurgia longa. Toda a montagem das salas e equipamentos, a conferência dos documentos e o registro da assistência prestada ao paciente são supervisionadas pelo enfermeiro, tanto na remoção quanto no transplante (HOWES FM, et al., 2015).

Ao final da cirurgia o enfermeiro do centro cirúrgico cuida de todo o processo para transferência do paciente transplantado para a UTI. Ele entra em contato com o enfermeiro da UTI e repassa todas as informações necessárias e solicita um leito de UTI para o centro cirúrgico. No caso do transplante de Inter vivo, primeiro é feito a transferência do doador e por último do receptor (HOWES FM, et al., 2015).

O paciente transplantado permanecerá na UTI até que ele esteja estável. O enfermeiro intensivista é responsável pela admissão do paciente, instalação do respirador, monitorização cardíaca, monitorização de sondas, cateteres, sinais vitais, balanço hídrico, administração de medicação, curativos etc. Uma das maiores preocupações dos enfermeiros desse setor, é a disponibilidade de um leito separado dos pacientes com quadros infecciosos, visto que o paciente transplantado está imunossuprimido (NEGREIROS FDS, et al., 2018).

No pós-operatório é importante que o enfermeiro faça uma avaliação rigorosa e intensiva no acompanhamento desse paciente como o controle de complicações e a atuação de forma rápida e eficiente (NEGREIROS FDS, et al., 2016, 2018).

No momento em que o paciente fica estável, ele é transferido para a enfermaria. O enfermeiro da UTI é responsável por comunicar enfermeiro da enfermaria ao repassar todas as informações necessárias e pertences do paciente (HOWES FM, et al., 2015; NEGREIROS FDS, et al., 2016, 2018).

O enfermeiro também deve comunicar a família para que ela acompanhe a transferência, repassando também todas as orientações afim de envolver o familiar no processo de cuidado. Ele é um membro ativo para o transplante, que organiza todo o processo e presta uma assistência contínua, que visa sempre o cuidado com o paciente. Sua atuação proporciona um trabalho interdisciplinar que estabelece vínculos entre a equipe e os transplantados. O enfermeiro é visto como um líder que valoriza o bem estar do paciente e de seus familiares (NEGREIROS FDS, et al., 2016, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o enfermeiro tem um papel extremamente importante no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos. Ele atua em todas as fases do processo, desde a identificação, manutenção, entrevista familiar, doação, remoção e o transplante propriamente dito. Fica evidente que a assistência e o cuidado é algo contínuo, que o enfermeiro é uma peça chave para a equipe multiprofissional da doação e do transplante. Assim, faz-se necessário investigar como o papel do enfermeiro na doação e transplante é abordado nas graduações de enfermagem, visto que o mesmo atua ativamente em todos os processos.

REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO C, et al. O Papel do Profissional de Enfermagem na Doação de Órgãos. *Saúde em Foco*, 2017; 9: 533-551.
2. BASÍLIO RJM, et al. Atuação do enfermeiro na doação e transplantes de órgãos e tecidos. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2019; II (5): 348–359.
3. BERTASI RAO, et al. Perfil dos potenciais doadores de órgãos e fatores relacionados à doação e a não doação de órgãos de uma Organização de Procura de Órgãos. *Rev Col Bras Cir*, 2019; 46(3): 1-8.
4. CARVALHO NDS, et al. Atuação do enfermeiro no processo de doação e captação de órgãos em doadores elegíveis. *Rev Enferm UFPI*, 2018;8(1):23-9.
5. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN-292/2004. Normatiza a atuação do enfermeiro na captação e transplante de órgãos e tecidos. Brasília (DF). Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluco-cofen-2922004_4328.html. Acesso 15 de fev.
6. COSTA CR, et al. A enfermagem e o paciente em morte encefálica na UTI. *Revista Bioética*, 2016; 24(2):368–373.
7. DORIA DL, et al. Conhecimento do Enfermeiro no Processo de Doação de Órgãos. *Enfermagem em Foco*, 2015;6(1/4):31-35.
8. FELIX PML, et al. A responsabilidade do enfermeiro no processo de captação de órgãos. *Interdisciplinary scientific journal*, 2018;5(4):74–89.
9. GARCIA CD, et al. Doação e transplante de órgãos e tecidos. São Paulo: Segmento Farma; 2015; 560p.
10. GOIS RSS, et al. Effectiveness of the organ donation process. *Acta Paul Enferm*, 2017;30(6), 621-627.
11. HOWES FM, et al. Cirurgia de transplante pulmonar intervivos: atuação da enfermagem no período transoperatório. *Rev. Sobecc*, 2015;20(3):171–178.
12. LIMA SRM. Papel do enfermeiro no transplante de órgãos e tecidos: uma revisão integrativa. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade de Brasília, 2015; 3-16.
13. MENDES KDS, et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & context*, 2008;17(4): 758-64.
14. MOLINA FC, et al. Processo De Captação E Doação De Órgãos: Atribuições Do Enfermeiro. *Anais do seminário internacional de educação- Sieduca*, 2017; 2(1):2010–2014.
15. MOURA LC, Silva VS. Manual do núcleo de captação de órgãos:Iniciando uma comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplantes – cihdott. São Paulo: Minha editora; 2014; 154p.
16. NEGREIROS FDS, et al. Transplante hepático em hospital de referência: competências do enfermeiro no serviço ambulatorial. *Rev enferm UFPE online*, 2016;10(Supl. 3):1351-9.
17. NEGREIROS FDS, et al. Competências de enfermeiros no pós-operatório imediato de transplante hepático: concepção profissional, 2018;2: 392–400.
18. PÊGO-FERNANDES PM, GARCIA VD. Estado atual do transplante no brasil. *Diagn tratamento*. 2010; 15(2):51-52.
19. PIMENTEL RRS, et al. Liver Donations and Transplants in the State of Paraná, Brazil. In *Transplantation proceedings*, 2019;51(3): 632-638.
20. RAMOS ASMB, et al. O enfermeiro no processo de doação e transplante de órgãos. *Revista Recien*, 2019; 9(25):3-10.
21. SANTOS LA. Vivência da enfermagem na doação e transplante de órgãos. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Centro de Universitário Anhanguera, Campo Grande, 2017; 54p.
22. SILVA NO, et al. Manutenção do potencial doador de órgãos e tecidos: atuação do profissional. *Brazilian Journal of Health Review*, 2020;3(5): 12519–12534.
23. SILVA PLN, et al. Abordagem do enfermeiro à família no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos. *Revista Enfermagem Atual*, 2018;93(31):1–8.
24. SILVA VS, et al. Projeto de coordenação intra-hospitalar de doação de órgãos: custo-efetividade e benefícios sociais. *Rev. Saúde Pública*, 2015;49(72): 1-7.
25. TELES SF, NOGUEIRA MA. O papel do enfermeiro na organização de procura de órgãos. *Revista Recien*, 2015;5(15): 19–29.
26. TOLFO FD, et al. A atuação do enfermeiro em comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos. *Rev enferm UERJ*, 2018;26: 1-5.